

Stadium

N.º 102 ★ 15 DE NOVEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

VER NESTE NÚMERO

Borbolla, o «às»
mexicano que
passou por Lis-
boa, fala à «Sta-
dium»

•
Como trabalha o
«Curso de trei-
nadores» de atle-
tismo

•
«O Mundo da
Bola»

•
Os mais flagran-
tes instantâneos
dos jogos de fu-
tebol e dos prin-
cipais aconteci-
mentos desporti-
vos da semana



BELENENSES-BENFICA

Defesa de Rosa, numa intervenção valente, na qual o substituto de Martins repele a bola com uma oportuna entrada a sôco

NO MUNDO DA BOLA

PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Valores do futebol lisboeta

GASPAR e ARMANDO

DOIS JOGADORES

em destaque nas Salésias

NESTA colecção de valores que temos apresentado, e a cuja apresentação procuramos sempre dar qualquer significado, figuram muito bem estes dois nomes — Gaspar e Armando — de



lubes diferentes, e que em diferentes lugares alinham, não havendo quaisquer pontos de contacto na sua maneira de jogo. Gaspar já viveu uma vida de jogador. Armando está ainda longe de atingir o ponto de saturação. Talvez por isso, e ainda porque a luta entre avançado e defesa não dá os mais belos momentos, nos veio à lembrança os nomes dos já referidos elementos.

Um reapareceu na altura própria. A contusão com grave lesão, o conhecido back do Benfica nunca desanimou, tratando-se convenientemente e começando logo a treinar quando pôde, subindo, depois do estágio na reserva, ao seu antigo posto de back direito da primeira categoria — precisamente na altura em que o grupo precisava da sua técnica, da sua energia e dos seus conhecimentos.

Dir-se-ia que o antigo internacional conseguiu reconquistar a sua cátedra, numa nova carreira. Uma vez nela, as suas poderosas qualidades de jogador destacaram-se imediatamente. Gaspar não é um jogador que tenha nascido para viver na sombra. O bloco defensivo do Benfica consolidou-se, melhorando muito.

Outro chegou no momento oportuno. O Belenense estava a braços com o problema do avançado-centro, quando lhe surgiu a hipótese do jovem selbalense. Ingressando no team, Armando tem mostrado qualidades, mais não podendo fazer porque, em



O CASO DOS JUNIORES

É A JOGAR QUE SE APRENDE A JOGAR

É a jogar que se aprende a jogar. O jogador da bola faz-se no contacto permanente e regular com o jogo.

Antigamente, quasi todos começavam pela bola de trapo, na escola ou na oficina, transformando-se em campo um local qualquer. Na rua ou em terreno perdido, qualquer faixa chegava para o efeito. Punha-se o chapéu, ou roupa, ou livros, ou qualquer sinal, quantas vezes duas pedras, marcando o sítio dos postes laterais, isto é, onde eles deveriam estar implantados — e pronto. Era um nunca acabar de pontapés.

Que extraordinários jogadores se fizeram por este processo. Cada um aprendia — executando, sempre guiado pela sua vocação. Só quando se distinguiu tanto que dava nas vistas, então é que mão amiga o levava para os clubes, confiando-o aos cuidados do treinador, na hipótese de haver treinador.

Agora, os antigos hábitos perderam-se. A bola de trapos caiu em desuso. Até os garotos, quando de entretem, fazem-no com bola de caoutchouc. E logo passam para o âmbito do treinador, sentindo-se ases, ou pouco menos. Com tudo isto, poucos valores aparecem. Abrem-se as inscrições para a bola, quasi livres, nos clubes mais importantes, passando pelo campo centenas e centenas de rapazes sem se descobrir um habilidoso, um artista, um jogador acima da média.

Os teams vivem épocas e épocas agarrados aos seus problemas sem verem ou encontrarem a solução desejada. Forçados pelas circunstâncias, homens que já cumpriram o seu dever, há muito exigindo reforma, continuam no seu posto, pela simples e única

boa verdade, o trabalho do avançado-centro depende em grande parte da contribuição fornecida pelos interiores. O novo arcação tem ainda evidenciado grande poder de remate, pontapé forte e colocado, facêta do seu jogo já posta em relêvo no team dos estudantes.

Gaspar é o jogador feito, internacional, com todas as ambições satisfelitas. Armando quasi que começou ainda ontem e não se sabe ao certo o que será o seu futuro, revelando, no entanto, qualidades que justificam esta apresentação. Porquê — a junção dos dois nomes? Entre um defesa que sabe do ofício e um avançado audacioso — ha sempre um ponto de ligação...

razão de que não aparece ninguém talhado para o lugar.

A primeira vista, parece impossível que isto suceda. Como é que, atendendo-se hoje mais do que nunca ao ensino do jogo, havendo treinadores competentes, gozando a profissão de jogador, ou de futebolista amador, grande prestigio, não aparecem valores novos no mundo da bola e a substituição dos jogadores se faz com as maiores dificuldades?

Crêmos que muitas causas influem no que se está a passar. Mas uma das razões é, sem dúvida, a organização dos torneios tal como actualmente se apresentam.

É fácil de ver que os jogadores de 1.ª categoria estão sempre em actividade, não tendo um domingo de descanso ao longo dos nove meses da temporada, mas o que se passa em relação aos outros futebolistas apresenta-se de cores muito diferentes. As reservas e as segundas categorias já têm actividade bem menos intensa. E o que sucede então com a categoria de juniores, brada aos Ceus.

Estes rapazes deviam ter torneios regulares e prolongados, competição que seria para eles uma autentica escola. Assim não sucede, porém. Os juniores dos clubes lisboetas, por exemplo (noutras Associações, pior!) disputam em cada época meia dúzia de encontros, se tanto, numa competição official.

Deste modo, como é que eles conseguirão aprender, desenvolver-se, aplicar na prática o ensino da teoria, numa palavra, serem e fazerem-se jogadores. Impossível. Meia dúzia de horas de futebol por ano, não chega. Impõe-se uma organização com torneios mais intensos, provas em "poule" e a eliminar, disputa de taças, etc. Para os Juniores. É a jogar que se aprende a jogar.

Uma nota de graça...

Os jornais espanhóis dão conta de que a selecção portuguesa de handball, e não de Lisboa, treinou outro dia com vistas ao encontro da especialidade entre os dois países.

Alguns nomes dos jogadores portugueses que treinaram: Oswaldo, Abumessque, Nacora, Hermindo, Soja, Ruggerio, Mora, Grinal e Quimbres.

Será possível perder-se o jogo com estes jogadores?

*

Borbolla, o mexicano, firtava de frio ao tomar o avião.

— Está com frio?

— Parece que estou no Polo Norte!

— Não exageremos...

— Na minha terra, nesta altura, faz calor de rachar!

— Então muito se vai divertir em Madrid!...

Lembra-nos que...

É perigoso não resolver os protestos sem perda de tempo. Um protesto sobre um desafio de futebol será assim coisa tão complicada?

Vai ser nomeado presidente do Conselho Técnico da Federação o sr. Salvador do Carmo, figura belenense. Nomeação justa.

Lavra grande descontentamento contra a arbitragem do futebol. Os árbitros modernos têm apitos que não se ouvem — e pés que não correm.

Um arbitro participou de um dirigente do Sporting, aqui há tempos. Porquê? No fundo por ele ter protestado o encontro. Eis uma coisa que não está certa.

Ainda não está bem esclarecido o sistema da Segunda Divisão do Campeonato Nacional. Ou se continuará na mesma, ou a prova sofrerá profunda alteração.

Tudo indicava o alargamento da Primeira Divisão do Campeonato Nacional. Aveiro está à porta.

SMARTA

Tel. 41583 Tel. 41583

Rua Rodrigues Sampaio 52, à esquina da rua Barata Salgueiro

Todo o desportista deve almoçar e jantar neste conhecido restaurante. Porquê?

... Porque todos os dias o restaurante «SMARTA» apresenta pratos especiais!

RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ — PASTELARIA — BAR

Análise da época de 1944

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

II — A VELOCIDADE PROLONGADA

Fazendo rápido balanço ao activo humano da categoria em 1944, podemos estabelecer três grupos distintos de valores progressivos: no primeiro, dos campeões consagrados, ingressam Sampaio Peixoto, Matos Fernandes e João Jacinto; no grupo intermediário, das unidades que subiram à categoria principal mas esperam consagração, figuram Eliseu, Artur Dias, Vicente, Costa Pereira, José Bastos e Humberto Bastos; finalmente, na falange das esperanças revelações, destacam-se Manuel Colaço, Francisco Povoas, Eloi Pereira e Castelo Branco.

As marcas óptimas dos três campeões foram este ano: Sampaio Peixoto 51,1 s. e 2 m. 2,3 s.; Matos Fernandes 51,7 s. e 2 m. 6,5 s.; João Jacinto, 51,9 s. e 2 m. 4,2 s.

A novel estrela portuense, que conquistou, com impressionante autoridade, o «recorde» nacional dos 400 metros, é incontestavelmente o novo de maior classe no atletismo português. Não lhe faltam qualidades para se impôr, tanto físicas como morais, a par de espírito culto e compreensivo, de amor ao seu desporto e vontade de vencer. Convenientemente orientado, entregue durante o inverno aos cuidados de um professor de educação física competente, pode esperar-se dele, na época futura, a desida para além do fatídico limite dos 50 segundos.

Consideramos Sampaio Peixoto, essencialmente, um corredor de velocidade com fundo suficiente para os 400 metros, e assim mantemos a opinião formulada desde as primeiras referências que lhe dedicámos: a sua distância acessória deve ser a de 200 metros, cujo mínimo nacional pode também melhorar em ocasião propícia. Isto não significa que deva abandonar em definitivo a competição em 800 metros, mas sim que a sua preparação deve ser orientada para 400-200 metros e não para 400-800 metros.

Matos Fernandes é, caracterizadamente, um corredor de 400 metros; os oitocentos são demasiadamente longos para os seus recursos e nunca poderá lutar com vantagem contra qualquer adversário aguerrido e resistente, que lhe imponha desde a largada andamento duro na prova. Ninguém lhe pode contestar o número um na escala de valores do atletismo nacional, mas dessa sua classe, e da dispersão de esforços que daí resulta, se ressentem os resultados que alcança em pura especialização.

O campeão benfiquista tem valor para atacar com êxito o «recorde» dos 400 metros, mas precisa para isso de esquecer por um ano o salto em altura, como poderá transpôr o metro e noventa em altura se abandonar temporariamente a prática da corrida e das barreiras. Mais ainda: aumentará consideravelmente a sua pontuação de decatlonista se aceitar uma preparação geral com prejuízo dos seus interesses de especialista.

João Jacinto teve este ano a sua melhor época, o prémio de trabalho consciencioso, de entusiasmo desportivo e de estudo inteligente dos seus recursos atléticos. Tal como os dois precedentes, supponho-o também capaz de descer a quem dos 50 s. e dos 2 m., com maiores aptidões para os 800 metros. Deve aproveitar o inverno para seguir uma ginástica intensiva de agilitação, que lhe permita, a devido tempo, o inteiro aproveitamento das suas qualidades físicas.

Entre os homens que incluímos no segundo grupo, é Vicente aquele em quem pode depositar-se mais segura confiança. Estreante da temporada, correu os 700 metros em 1 m. 49,4 s., o quilómetro em 2 m. 47,2 s. e, já na categoria superior, os 400 metros em 53,6 s. e os 800 metros em 2 m. 4,3 s.

Bastam estes números para abonar o seu valor; se o futebol, que pratica como defesa titular na reserva do Sporting, o não inutilizar (sofreu já uma lesão de sérias consequências) vai com certeza, para o ano, ombrear com os melhores.

José Bastos é outra revelação prometedora (2 m. 11 s. nos 800 m. e 2 m. 47,4 s. no quilómetro) mas que se nos afigura com maiores propensões para as provas de meio-fundo, nomeadamente para os 1.500 metros; dispõe de excelente ponta final e, porque confia demasiadamente nesse triunfo, peca às vezes por falta de iniciativa.

Dos restantes nomes que apontámos, Povoas, Costa Pereira e Humberto Bastos, que já possuíam certa experiência, devem ser separados dos que foram autênticos estreantes do ano.

Doutrina Nacional

COM a publicação, em 5 de Setembro de 1942, do decreto que criou a Direcção Geral de Educação Física e Desportos, estabeleceu-se no País a desejada inclusão das actividades desportivas no ciclo perfeitamente determinado dos assuntos nacionais que ao Estado compete orientar, fiscalizar e disciplinar.

E tudo quanto fôra feito até então — o produto admirável e copioso da sacrificada iniciativa particular — valia muito mas não obedecia a qualquer direcção definida pelos Poderes Superiores da Nação. Era, por consequência, norma doutrinária que admitia todas as hipóteses, a influência de quaisquer interesses e a possibilidade de erradas interpretações.

Hoje, porém, existe uma Doutrina Nacional do Desporto, com a sua ética rigorosamente circunscrita por definições taxativas, que não admite opiniões sofismáticas ou critérios tendenciosos.

Em 3 de Agosto de 1943 novo decreto veio promulgar o regulamento da já existente Direcção Geral. E na sua justificação, redigida com clareza cristalina e desassomburada segurança de ideias, houve o cuidado de firmar o destino do desporto português, desviando-o de falsas tendências que, em certas modalidades, haviam recebido a consagração do reconhecimento oficial na lei estatutária privativa.

De todos estes perigos e des-

vios, era o mais grave o profissionalismo, que a nova regulamentação do País, sinlese inteligente de larga experiência, meticoloso estudo e profundo respeito pela moral do individuo, condenou formalmente, dizendo: «Deseja-se acabar com negócios que arruinam os clubes e diminuem o desporto e os desportistas. A beleza do desporto perde-se quando se converte num modo de vida. As organizações cabe assegurar aos seus desportistas o condicionamento indispensável ao pleno rendimento das suas faculdades físicas; mas deve-lhes ser vedado comprá-los, e a estes vender-se».

O Governo do Estado Novo aboliu assim do desporto português o principio do profissionalismo, considerando-o contrário aos legítimos direitos da pessoa humana e impedindo, com elevada concepção do respeito social, que o desportista imole a sua personalidade na ara doirada dos interesses vorazes de empresas, comércios e ambições.

Apontar o profissionalismo como elemento necessário ao desenvolvimento das práticas desportivas, é uma heresia que os textos oficiais em vigência se encarregaram já de classificar e que nenhum dirigente desportivo, digno da sua missão e consciente dos seus deveres, se atreve sequer a formular.

Não o consente a Doutrina Nacional do Desporto, a quem todos devemos obediência e concordância.

Vindo do MÉXICO para ESPANHA Borbolla

um grande jogador de futebol
fala à Stadium

O vapor «Magallanes» chegara a Lisboa na passada quinta-feira, já noite fechada. Vinha a bordo — sabemos-lo por informações de Madrid — um grande jogador mexicano de futebol: o célebre Borbolla, Manuel Borbolla, o interior-esquerdo do «Marte», o maior clube daquele país; e campeão da Liga. A notícia deixar-nos-la indiferentes se não fora sal'er-se que o referido jogador vinha directamente do México para o Real Madrid, contratado para jogar a bola, como refôrço das hostes um pouco enfraquecidas do grande clube de Espanha.

Fômos encontrá-lo na companhia do sr. Francisco Aylagas, dirigente do Madrid, que veio propo-sitamente a Lisboa para acolher no continente europeu o grande jogador mexicano. Sofremos uma espécie de decepção... Não sabendo, porquê, fazíamos idêia de ir ver um homem alto, forte, musculado, de affectação cosmopolita... Afinal fomos dar com um rapaz de estatura meã, mais baixo do que alto, moreno, simples, com o seu quê de ingenuidade. Um corpo de atleta escondido num fato modesto, embora de corte elegante.

— Tenho 24 anos, nascido mexicano, mas filho de pais asturianos, e só há seis anos sou profissional do futebol — começou por dizer-nos este rapaz, que está a despertar em Espanha a maior curiosidade.

Verdade seja, ele nem dá por esse interesse. Sente-se que é atraído pela aventura e pelo desejo de ver terras novas, terras que vivem há muito na sua imaginação.

— No México, tão acarinhado era que não acreditavam na minha vinda à Europa. Mas aqui estou. Foi fácil tudo, de resto: partidários do Madrid F. C. no México falaram-me, e logo com o meu clube e a respectiva Federação. Em Espanha, estava também tudo mais ou menos resolvido.

— Conhece o futebol português?

— Tenho boas referências, mais nada. Gostaria tanto de ver um desafio em Portugal! Tenho de partir, porém, afim de me treinar. Já ouvi dizer que vai disputar-se um Portugal-Espanha, e então acredite que abrirei bem os olhos...

Manuel Borbolla não se faz rogado. Conversa com prazer e por gosto. E' ele mesmo, digno, que faz a despesa da conversa, prosseguindo:

— Em compensação, conheço o futebol brasileiro, que desfruta grande prestígio no meu país. Ainda hoje, por exemplo, se recorda a deslocação do Botafogo, em 1941. Que rapidez, que dribling, que poder de remate! — acrescenta.

— E o futebol espanhol?

— Conheço-o razoavelmente, através da visita ao México de grupos espanhóis e da actuação dos jogadores castelhanos que lá se encontram. E não se pode ter melhor impressão desse futebol: técnico, rápido, de fúria desconcertante.

— Igual ao jogo do México? — interrogamos.

— Um pouco diferente. Lá no meu país joga-se também com rapidez e energia, mas estuda-se muito o jogo. Assim, o nosso futebol, pela influencia dos treinadores estrangeiros, principalmente



argentinos, assenta na triangulação do passe curto e desmarcação constante. É talvez de mais bonito efeito do que o espanhol, mas menos eficiente, pois o certo é que a idêia do gol! deverá orientar todos os movimentos em campo!

— Quanto ganha, em média, um jogador da bola no seu país?

— À volta de 1.500 pesos. Eu cobrava 2.000 mensais, qualquer coisa como 4.000 pesetas. Mas as transferências atingem somas enormes!

— Em que lugar joga?

— A interior, tanto à esquerda como à direita, pois «chuto» igualmente com qualquer dos pés.

— Em que posto vai alinhar no Madrid?

— Calculo que no meu lugar habitual. Todavia, Moncho Encinas, o treinador, dirá a última palavra. Sou disciplinado...

— Quando fará a sua estreia em Madrid?

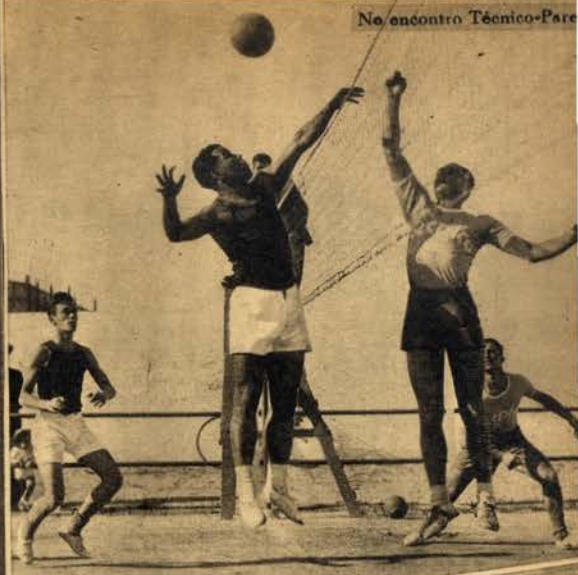
— Logo que estiver adaptado.

Calculo que ao fim de quinze dias, quando muito três semanas, estarei apto a alinhar no meu novo clube, encontrando-me disposto a fazer tudo para agradar e cumprir.

Eis o que nos disse este Manuel Borbolla, um «ás» mexicano que já conquistou a Espanha do futebol antes de jogar, e que, no fundo, é uma criança grande!

T. S.

1 — Manuel Borbolla, o grande avançado mexicano contratado pelo Real Madrid, posa para Stadium, em plena Avenida da Liberdade, no dia da sua chegada a Lisboa, gozando o sol e a temperatura amena da manhã; 2 — Tavares da Silva e o dirigente espanhol que veio de Madrid para aguardar a chegada de Borbolla, passeiam com o «ás» mexicano pelas ruas de Lisboa; 3 — Borbolla falando da sua vida e de futebol: «Que bem que jogam os brasileiros!» — diz-nos com viva admiração.



VOLLEYBALL

A Taça Stadium em disputa no "Torneio de Encerramentos"

A equipa do Benfica...



...a do Sporting...

...a do Técnico...



...e a do Par...



2

Hipismo

Aspectos das "Corridas de Outono"



3



1 - Henrique Calado, com o «Dizo-tu», que conquistou mais uma série de triunfos; 2 e 3 - Fases das corridas efectuadas no domingo no hipódromo do Jockey Clube; 4 - Nuno do Rosário, com o «Dique», vencedor da terceira prova

O «Curso de Ciclistas»

COMO referimos no nosso último número, a quarta lição do «Curso de Ciclistas» efectuou-se com a presença do sr. dr. Salazar Carreira, activo Inspector da Direcção Geral de Desportos, que quis dar-nos a agradável surpresa de acompanhar os trabalhos, cumprindo assim a promessa, feita na sessão inaugural, de se interessar pela iniciativa da Stadium, visto que, como disse então, vê nela um poderoso incentivo para os praticantes da modalidade.

Gil Moreira, nosso estimado camarada e orientador do «Curso», deu início aos trabalhos agradecendo a visita do dr. Salazar Carreira e sublinhando quanto de animador tem para o ciclismo o interesse das entidades superiores do desporto, pois a bela modalidade do pedal muito necessita do carinhoso apoio que começa a notar-se.

Entrou-se depois no tema da lição: *porque se adoplam, na generalidade, as desmultiplicações de 46 a 48 por 14 x 16 x 18 x 20 e 15 x 17 x 19 x 21 e como se rectifica a posição de um corredor sobre a bicicleta.*

Assistência numerosa: algumas senhoras; dirigentes das secções velocicpédicas do Benfica, Apolo, Lisgás e Iluminante; e directores da Associação e Federação, incluindo o vice-presidente deste último organismo, o nosso prezado camarada Manuel Motas, os mais ferrosos admiradores do «Curso», que em «Os Sports», e com gentileza que nos desvanece, tem tido para a iniciativa da Stadium palavras de vineada simpatia.

Servindo-se de conclusões a que chegou o fisiologista Amar — que tem sido, de parçaria com o americano Carpenter, a individualidade que mais profundamente estudou as possibilidades físicas dos praticantes do ciclismo, Gil Moreira elucidou que todos os cálculos feitos para determinar a melhor «desmultiplicação» partem de um princípio basilar: o da bicicleta rolar em plano horizontal e do esforço exigido a pedalar corresponder ao despendido na marcha a pé. Em tais cálculos houve ainda que considerar o facto do organismo ter o seu limite de possibilidades, não podendo, naturalmente, exigir-se-lhe mais do fixado nesse limite.

Para justificar e esclarecer este princípio, o nosso companheiro de trabalho exemplificou que pode levantar-se, com facilidade e sem esforço aparente, um peso de 150 quilos dividido em parcelas de 15 quilos e em períodos de 1 minuto — isto é, levantar 150 quilos em 10 minutos. Todavia, para quem tentar erguer 150 quilos de uma só vez, ou mesmo 75 de 5 em 5 minutos, o esforço excede as possibilidades físicas do homem, causando-lhe fadiga difícil de suportar.

Foi respeitando esta base que os técnicos chegaram à seguinte conclusão: a melhor «desmultiplicação» média, ou seja a obtida com a cremalheira intermediária da roda livre, é, para terreno horizontal, a que corresponde ao desenvolvimento de uma roda com o diâmetro igual à altura do ciclista. Exemplo: para um individuo com 1,75 m., a desmultiplicação aconselhável será altura (1,75 m.) x P (3,1416), Ou então: $1,75 \times 3,1416 = 5,49$ m. em cada pedalada.

Demonstrou depois o nosso colega qual o esforço suplementar que o ciclista é obrigado a fazer quando rola numa subida. Segundo o estudo apresentado por Gil Moreira, esse esforço corresponde aos seguintes números: em percurso horizontal, por cada pedalada gastam-se 6 quilos de força; numa rampa com 1% de inclinação, a força despendida é de 9 quilos; com 2%, 12 quilos; com 3%, 15 quilos; e com 4%, 18 quilos. Como este último quociente é o máximo que um atleta pode despendir sem prejuízo para o organismo, há que reduzir a desmultiplicação quando o ciclista pretende manter, a subir, igual cadência de marcha à usada em percurso horizontal.

A quarta lição teve a assistência do dr. SALAZAR CARREIRA, Inspector da D. G. D. — Uma demonstração prática no próximo domingo

Referiu-se ainda Gil Moreira à relação que existe entre o número de «quilos-força» despendidos e o aumento ou redução da «desmultiplicação» — números esses que são proporcionais. Quere dizer, a redução ou aumento de dentes na cremalheira está na razão directa da inclinação das rampas a trepar.

Para concluir a lição, os alunos, sempre interessados pelos curiosos ensinamentos ouvidos, tomaram conhecimento da maneira mais prática e acessível de rectificar uma posição. A teoria desenvolvida pode exemplificar-se como segue:

- 1.º — Num quadro normal para a altura do ciclista, a parte trazeira do selim (couro) deve estar situada de forma que tirando-se uma perpendicular (fio de prumo), ela passe a 330 ou 340 m/m. do centro do pedaleiro; 2.º — uma perpendicular tirada do joelho sobre o pedal, na sua posição mais avançada e em plano horizontal, deve «cair» sobre o eixo do pedal; 3.º — o calcanhar do ciclista deve chegar ao pedal, sem esforço (perna apenas descaída), quando este estiver no máximo da sua descida; 4.º — o ângulo de abertura dos braços, com as mãos apoiadas na posição mais funda e avançada do guiador, não deve ultrapassar os 160º, nem ser inferior a 140º.

Terminada a interessante exposição, o nosso camarada informou dos trabalhos da lição seguinte, com o tema: *Como deve equipar-se um ciclista e como deve pedalar.*

Também designou o próximo domingo,

HIPISMO

O segundo dia das Corridas de Outono

COM o mesmo interesse e entusiasmo, teve lugar no passado domingo a segunda jornada da «Reunião do Outono», que a Sociedade Hípica Portuguesa organizou e que levou ao Hipódromo do Jockey Club numerosa assistência.

Houve entusiasmo desportivo digno de nota e a aposta mútua voltou a animar as corridas, dando-lhe sabor agradável.

O programa compreendia cinco provas, menos uma do que no domingo anterior, nas quais se inscreveram 31 cavalos, na sua grande maioria pertencentes ao Estado e muitos deles revelando magníficas qualidades.

A primeira corrida da tarde, denominada «Guiso» e destinada a montadas nacionais excluindo o sangue inglês, tinha 1.200 metros aproximadamente e ofereceu mais um belo triunfo ao alferes Henrique Calado, montando «Dize-tu», um cavalo magnífico, que confirmou a confiança do público nas suas possibilidades. Fez a prova quasi sempre à frente, seguido de muito perto por «Hussar», que Miranda Dias soube conduzir, mas arrancou bem na última fase e ganhou folgado, em 1 m. 22 s. 3/5. «Ezambra», grande vencedora no domingo anterior, chegou em 3.º lugar, montada por Joaquim Barreto.

Para a segunda corrida entraram 10 concorrentes, num conjunto agradável. A prova denominava-se «Ortigão» e era reservada a cavalos e éguas nacionais, excluindo o sangue inglês e o puro sangue árabe.

«Nanja», do Depósito de Remonta, conduzida por José Amaro, cobriu os 1.200 metros em 1 m. 24 s. 3/5, batendo «Hipótese» e «Garfe» que, por esta ordem, cortaram a meta com apreciável avanço sobre o pelotão, montados por Ferreira Lima e Martinho Correia.

dia 19, para a primeira lição prática. Nesse dia, os ciclistas do «Curso», e quaisquer outros que queiram acompanhá-los, seguem numa pequena digressão com Gil Moreira, durante a qual serão demonstradas as vantagens de uma boa posição sobre a bicicleta.

Na última sexta-feira, Gil Moreira voltou a ter numerosa assistência, como na lição anterior. Uma gentil ciclista mais a fazer companhia às assíduas alunas do «Curso». Dos organismos que regem o ciclismo estiveram presentes os srs. Vitor Alves e Antero Ventura, da Federação, e Serafim Santos, da Associação.

Dentro do tema da lição, o nosso camarada principiou por descrever o que deve ser, na generalidade, o equipamento de um corredor de bicicleta, concretizando em seguida, peça por peça, qual o modelo do traje mais indicado para se correr.

Assim, nunca devem usar-se nas competições sapatos completamente novos. Há que calçá-los, pelo menos, durante oito dias, antes de os utilizar para correr.

Os sapatos largos, ou muito justos, são também condenados, e para que sirvam em absoluto devem ser leves, baixos de contraforte e com este feito em «café», tendo sola rígida e munida de pequenos suportes de alumínio, para que as grades dos pedais a não corte. Não devem também ter ilhozes.

Quanto às meias, devem ser de lã, não muito grossa, curtas de canhão e justas no comprimento do pé. Qualquer saliência de tecido, para além das pontas dos dedos, magoam e podem causar ferimentos.

Nada de calções de tecido que não seja lã. Esta peça de equipamento deve ter fundilhos reforçados pelo exterior, não podem ser fixados por meio de nastro — mas sempre com elástico bastante extensivo — e têm de possuir altura de cinta que permita fixá-los para cima do diafragma.

Sobre camisolas, Gil Moreira foi concreto: sempre de lã de espessura média, de gola e mangas compridas no inverno ou dias frios, folgadas de tamanho nas covas dos braços e no comprimento, para cobrir as côxas, e nunca

(continua na pág. 15)

Seguiu-se a mais animada das corridas do dia, apesar de nela tomarem parte «jockeys» da Estação Zootécnica Nacional. «Diques», um lindo cavalo, tomou a cabeça e conservou esta posição até final, perseguido de perto por «Desquite» e «El-Abdula». Montaram-nos Nuno do Rosário — a quem foi creditado o tempo de 1 m. 57 s. — Joaquim Júlio e José Bolas. A corrida, denominada «Silfire», era de 1.500 metros.

A quarta prova do programa, «Coronius», com 2.000 metros e destinada a montadas de tódas as origens e procedências, reuniu dois argentinos e dois nacionais. «Ninotchka» e «Absténico» eram os favoritos — mas inesperadamente «Iris», montado por Adelino, venceu a um comprimento, seguido de «Absténico», que fez uma linda prova — e que talvez arrancasse o triunfo se a corrida fosse maior. Montou-o muito bem Martinho Correia. O vencedor fez o percurso em 2 m. 15 s. 2/5.

Numa queda perigosa, José Amaro fracturou uma clavícula.

A última corrida, «Depósito de Remonta» — 2.000 metros e sebes — reuniu seis cavalos argentinos, mas só cinco cortaram a meta, por queda de «Eminente», com João Bravo.

Nova vitória de Henrique Calado, com «Batedor», que entrou na pista como favorito. «Idolo», com o alferes Abrantes da Silva, arrancou admiravelmente mas perdeu tempo nas sebes, não conseguindo mais do que um 2.º lugar, seguido de «Arzila», com Emiliano Fernandes.

O alferes Calado, que este ano se evidenciou extraordinariamente, fez a prova em 2 m. e 26 s.

Assim terminaram as corridas do Outono de 1944.

ANTAS TEIXEIRA

O EMPATE DO SPORTING E A VITÓRIA DO BENFICA

conduziram a uma verdadeira "final"

A 9.ª jornada pôs em destaque o Estoril Praia e o Atlético — os "teams" da final para o 4.º posto

O futebol é assim mesmo. Talvez por isso tenha tantos adeptos. A sua falta de lógica, as surpresas e o constante sobressalto em que vivem permanentemente os associados clubistas, são afinal as suas maiores qualidades. Quem poderia pensar que, já no cair do torneio, quando tudo parecia indicar a vitória sportinguista, um percalço fatal do clube da cabeça, e no seu terreno de jogo, daria uma autêntica final mais própria de competição a eliminar do que em *poule*?

Ninguém. Mesmo nós. Já dávamos o caso errumado. No entanto, nunca deixámos de pôr em destaque o princípio de que, dada uma melhor distribuição de valores, tornando equilibrado as forças concorrentes, todos os desfechos eram difíceis. A nona jornada veio confirmá-lo. O Sporting tropeçou no Lumiar (abrindo a mão e deixando fugir o título, ou criando a possibilidade da sua fuga), e o Benfica não se deixou bater nas Salésias, conquistando mais uma vez o triunfo pela sua indomável energia. Quere dizer, o Benfica jogou e triunfou em dois campos e à mesma hora, com o auxílio de terceiro. O mesmo tem sucedido a outros. Está certo.

Na revisão que costumamos fazer dos quadros que se apresentam em campo, há a dizer que o Belenenses foi aquele que forneceu maiores curiosidades, baixando à reserva o médio-centro Gomes para subir ao mesmo posto Sérgio e alinhando o interior-direito Amílcar. O Benfica limitou-se a trocar os guarda-redes de 1.ª e da reserva, por certo com fundamento que, todavia, escapa à nossa observação.

No Lumiar, o Sporting, com Azevedo e Albano *locados*, colocou nas rédeas Dores, insistindo no alinhamento em recurso de Roqui. O Estoril apresentou o mesmo *arran* o, assim como a C. U. F. O próprio Atlético não sofreu modificações. Barros é, por assim dizer, do grupo. Quere dizer, nem a forma, nem a lei das lesões, obrigaram a transformações de alto a baixo em qualquer dos grupos.

O futebol da nona jornada fornece-nos um exemplo curioso. Fomos de lado o aspecto *assistência* — que isso é algo complicado. Enquanto que os *teams* categorizados não atingem grande nível, verifica-se naqueles lidos vulgarmente como de menor classe um desejo enorme de progresso, a vontade decidida de se afirmarem.

O desafio das Salésias valeu pouco, sob o ponto de vista de futebol. O Sporting realizou uma partida irreconhecível. Assim, as honras de tarde foram para o Estoril Praia e para o Atlético. Possivelmente, qualquer deles movido pelo legítimo móbil de entrada na Primeira Divisão do Campeonato Nacional. Tanto um como outro fazendo um esforço grandioso para o fim em vista. Afirmando desejo de viver e vencer. A tarefa que estes clubes têm realizado bem merece a simpatia e o respeito de todos os elementos da Organização. Isso significa que, no futebol, a ciência do jogo é muito importante, mas que também tem um grande valor a qualidade denominada *entusiasmo*.

Temos, desta maneira, à vista, duas finais em que o actual campeonato de Lisboa se desdobra: uma, para o título de campeão, sendo finalistas Benfica e Sporting, os históricos, outra com vista à posse do quarto lugar, o da entrada no Campeonato Nacional, sendo finalistas Estoril e Atlético, os de sangue na guerra e temperamento feroz.

Aparentemente, o Sporting, com dois pontos de vantagem, está na melhor situação, pois lhe bastará um empate. Ao Benfica, só serve a vitória. Quem duvidará, no entanto, de que o Benfica, jogando no seu campo, parte em favorito, chegando-lhe o triunfo pela mínima diferença, visto ter perdido no Lumiar por 2-3, e decidir nessa hipótese a contagem geral de *goals*?

Ao Estoril, também é suficiente um empate. Caso curioso: o Atlético, tendo perdido por 3-4 em Santo Amaro, caso ganhe desta vez, ao menos por uma bola, fará igualmente pesar a contagem geral. Nada mais duvidoso — portanto. Duas finais em perspectiva. Porventura, a melhor jornada dos últimos tempos.

Indiscutivelmente, maior autoridade por parte do Benfica

O desafio das Salésias teve pouco brilho. Foi quasi sempre confuso, sem os jogadores saberem a posição a tomar em campo, perdendo-se em *driblings* desorientados. Não que, e isto dizer

que não tenha hevido, nalguns momentos, futebol de classe. Era melhor que tudo fosse vulgar... Mas houve muito futebol de acaso.

Uma das coisas que contribuiu, possivelmente, para a referida confusão, talvez seja a circunstância de ambos os *teams* adoptarem a mesma *marcação*, resultando deste facto vêr-se a bola girar mais num sentido do que noutro.

Em todo o caso, afigura-se-nos ter o Benfica mostrado mais autoridade. O *team* encarnado jogou quasi sempre em plano de superioridade, quando atacou e nos momentos vivos da defesa. Mais perfeito coesão entre as várias células e sentido mais apurado de *associação*.

Só não compreendemos a tática benfiquense quando, ao ganhar por 2-1, alarçou Teixeira, em reforço do sector médio, complicando assim a vida da linha medular e permitindo o acóso da formação avançada do Belenenses. Esta, fragil, e sem força física para abrir brechas, beneficiou grandemente daquela tática, causando sérias perturbações no bloco da defesa do Benfica.

Quando se estabeleceu o empate — tudo mudou como que por encanto. Teixeira retomou o seu verdadeiro lugar, e a linha avançada deu-se toda à sua tarefa, imprimindo ao trabalho colectivo o cunho de quem sabe mais. O *goal* do triunfo benfiquense via-se em lódas as avançadas!

O Belenenses teve ocasiões para vencer. No período de defesa do adversário podia realmente ter construído a sua vitória. De umas vezes a falta de sorte, e de outras o mau aproveitamento das oportunidades, não lhe deixou atingir o fim em vista. Quantas vezes se tem dito que o *trabalho de combinação* de nada serve se o poder de remate ou conclusão da jogada. Pareceu-nos, por outro lado, haver no seu avançado-centro (Armando) egoísmo do remate, tirando a bola aos seus próprios companheiros e não a dando em condições manifestas de superioridade de remate da parte deles. O Belenenses nem sequer soube aproveitar a virtual fraqueza de um guarda-redes que poucas vezes se terá visto em tarefa de tão grande monta.

De resto, a linha avançada benfiquense, tal como se apresentou, não poderá fazer trabalho de valia. Falta-lhe um pouco de tudo, desde o entendimento ao gesto, e ao péso. Está bem de ver que o par de *backs* do Benfica, sobretudo Gaspar, que reaparece ainda com muitas qualidades, se impôs — comandando — mais fazendo avultar os defeitos do adversário.

Na linha medular, destaquemos o trabalho de Varela Marques, que cobriu as deficiências verificadas no meio do terreno, impulsionando o *team* no sentido de ataque. Já a defesa, de outras vezes excelente, acumulou erros sobre erros, revelando falhas a eliminar, e coisas merecedoras de rectificação. Parece impossível como

Reportagens gráficas

Informamos os nossos prezaos leitores que estão já a imprimir as separatas esgotadas, pelo que oportunamente serão remetidas a todos que as solicitaram.

Aviamos também os nossos leitores que começaremos, a partir do próximo dia 22, a fazer a expedição das capas que já nos foram reclamadas, de acordo com o aviso publicado.

os jogadores em Portugal se conservam épocas sobre épocas em primeiras categorias, sem aprenderem a bater a bola com os dois pés.

O empate do Sporting e a vitória do Atlético

O Sporting nunca esperava perder ou empatar. Para mais, o Estoril apresentava uma linha desfalçada. Quando um *team* se esquece de que todos os jogos são difíceis, sucede-lhe muitas vezes transformar a facilidade em dificuldade...

O adversário, nestas condições, não admite a exibição e joga como se deve jogar em campeonato, tomando ascendente. Com eficiência. Cada passo do encontro serve-lhe para o apuramento de todas as qualidades do *team*.

De sorte que, na altura em que o grupo mais categorizado pretendia impôr-se e dominar a situação, já nada pode fazer. Tem na sua frente um concorrente que, pelo menos momentaneamente, é seu igual — quando não superior.

Deve dizer-se: o Estoril fez um trabalho perfeito na linha dianteira. Os seus atacantes moveram-se com rapidez, e com muita inteligência, proporcionando fazes agradáveis e dominando a defesa sportinguista, em tarde de má, se não péssima colaboração. Nesta tarefa da linha dianteira, os médios desempenharam um papel muito importante, principalmente o médio-centro Sbarra. De resto — não há ataque sem formação média.

Com tudo isto, é de pasmar como o *team* sportinguista se deixou bater — desorientando-se — ao ponto do Estoril Praia dar ideia de melhor conjunto, vivendo os *leões* de esforços isolados dos seus homens. Um *penalty* provocado por Manuel Marques foi o bastante para o Estoril abrir o activo. Porque é preciso a gente lembrar-se que foi o Estoril que esteve em vencedor, e por duas vezes. Quere dizer, o Sporting empatou uma e outra vez, nunca chegando a vencedor.

*

O desafio de Santo Amaro tinha um grande interesse para o Atlético. O clube precisava da vitória, ao menos para se apresentar na Amoreira em condições de poder ainda conquistar o láo desejado quarto lugar.

O grupo adoptou, como já tem feito noutras ocasiões, uma toada de ataque, tática que bem pode adoptar devido à extraordinária energia e mobilidade do seu médio-centro, um homem que passa do ataque à defesa com incrível facilidade.

Insistindo no ataque, o Atlético conseguiu 4-1 na 1.ª parte, fixando definitivamente o resultado da partida em 5-2 logo no primeiro quarto de hora da segunda parte. O desafio, verdadeiramente, terminou nessa altura, pois era fácil ao Atlético manter o adversário em respeito sem gastar demasiadas energias — bem precisas para o próximo domingo.

A grande figura do encontro foi Gregório, um caso sério de batedor que, em Santo Amaro, não se limitou apenas a dar energia, mas realizou óptimas jogadas para os *extremos*, mudando a corrente do jogo como mandam os canones.

Em todo o caso, todo o *team* afirmou personalidade. Justamente, esses *aberturas* aos *extremos* proporcionaram um bom trabalho desses jogadores, Micoel e Barros, em destaque.

O grupo vencido afirmou, na primeira parte, sentido de conjunto, ligando bem os seus esforços. Falta-lhe conclusão do jogo de combinação. Não importa fazer somente jogadas de colaboração. É preciso depois de criar a ocasião de *goal* — aproveitá-la. O *team* apresenta o atenuante de dois *extremos* a contas com lesões.

TAVARES DA SILVA

Um forte remate de Armando que F. Ferreira não pôde interceptar. O popular benfiquense olha na direcção das rédes, não fosse a colocação de Rosa...



Peyroteo — o homem que nunca cansa — numa das suas clássicas investidas, sem resultado desta vez...



Três magníficas e atléticas atitudes! Uma intervenção de Amilear e um instantâneo que dispensam comentários



Carlos Ferreira faz o 2.º goal do Balenenses e do esperancoso empate...



Énergica luta entre Feliciano e Júlio. Afinal, daqui saiu o 1.º ponto de Benfica...

A 9.ª JORNADA IMAGENS DO FUTEBOL LISBOETA

VENDO-SE O ESFORÇO E A VIBRAÇÃO
DOS JOGADORES PORTUGUESES

Baptista entra de cabeça antes da intervenção do seu guarda-redes



Arrojado mergulho de Acácio que evita o remate de Moreira



Outra atitude de Peyroteo, como todas à base de corajosa energia!

OUVINDO UM DESPORTISTA DO AR

«Há necessidade de fazer uma bem orientada propaganda pró-aviação»

afirmou-nos CARLOS BLECK

EM artigo publicado há pouco tempo, referimo-nos ao aperfeiçoamento do espírito aeronáutico, apontando alguns meios de divulgação. Como desenvolvimento dessa ideia, resolvemos ouvir a palavra autorizada de um dos nossos mais distintos aviadores civis — Carlos Eduardo Bleck, o primeiro de quantos se diplomaram em Portugal e desportista que o país inteiro conhece. Brevetado em 1925 pela Escola Aeronáutica Militar, evidenciou-se rapidamente e escreveu algumas das mais curiosas páginas da história da nossa aviação civil. A sua âncora, de voar levou-o,



CARLOS BLECK
no momento de partir para a sua primeira viagem à Índia

em 1928, a tentar a primeira ligação com a Índia Portuguesa, que só não atingiu devido a uma aterragem forçada em terras da Arábia. Com o então tenente Humberto Cruz, efectuou, em 1931, o voo Lisboa-Luanda-Lisboa, e três anos depois foi, sózinho, de Portugal à Índia, aterrando em Diu e Goa.

Carlos Bleck fez também parte da equipa chefiada pelo malogrado coronel Jorge de Castilho, que se propôs realizar a primeira travessia leste-oeste do Atlântico Norte, e com o major Costa Macedo tentou o «record» Europa-América do Sul, com um bimotor «Comet».

Piloto aviador de reconhecidos méritos, é actualmente director do Aero Clube de Portugal e director adjunto do Aeroporto de Lisboa.

«Aqui o procurámos para que nos desse a sua abalizada opinião — e aqui prontamente nos recebeu, antes de sair para a América.

— **Stadium** deseja que lhe dissesse o que pensa acerca da aviação desportiva do após guerra...

— Penso que a aviação civil, quer comercial quer desportiva, vai ter, uma vez terminada a guerra, incremento fantástico — maior possivelmente do que aquêle que a nossa imaginação possa prever! Vamos ter linhas regulares, cruzando o espaço de todos os continentes, encurtando distâncias e aproximando os povos. No que respeita ao avião utilitário, vai dar-se, infalivelmente, o mesmo que se deu, alguns anos atrás, com o automóvel. Talvez poucos acreditem hoje nesta autêntica «revolução», mas é bom não esquecer que não há ainda muito tempo se manifestou a mesma descrença com o automóvel...

E Carlos Bleck prossegue:

— Conduzir um avião nem sequer oferecerá qualquer segredo e ninguém deixará de saber pilotar, como hoje é raro encontrar-se alguém que não saiba guiar um carro. Todos terão a sua avioneta ou o seu autogiro, como podem ter agora um «Austin», um «Ford» ou a sua moto de turismo...

«Estou convencido de que o avião utilitário será pôsto no mercado ao alcance financeiro de todo aquêle que tem hoje ao seu serviço um automóvel ligeiro ou uma motocicleta com *side-car*.

— Mas não será sempre um desporto caro? — atalhamos.

— Creia que não. O custo inicial será muito baixo e o da manutenção ainda inferior ao de qualquer carro ligeiro de 8 ou 10 HP. De resto, não será difícil prever semelhante «revolução», nos actuais meios de transporte económicos, se nos lembrarmos que já no período anterior à guerra havia avionetas com o consumo de 12 litros horários, a velocidades de cruzeiro entre 120 e 140 quilómetros e motores mais simples do que os de muitos automóveis...

«Para resumir: em meu entender, o futuro avião utilitário terá preço e custo de manutenção tão baixos, técnica de pilotagem tão simples, «performances» e características gerais tão interessantes e um factor de segurança tão elevado — que o tornará um meio de transporte muito prático!

— Admirável, portanto, para desporto!

— Sem dúvida. Este avião abrirá ao desportista novos e largos horizontes práticos e também a todos os que, por necessidade das suas ocupações, tenham de viajar rapidamente de um ponto a outro do país, ou fora dele.

— E o autogiro? — preguntamos.

— O autogiro terá igualmente lugar brilhante no futuro.

Pelo entusiasmo de Carlos Bleck sentimo-nos à vontade para insistir:

— Poderá desenvolver-se então a aviação desportiva no nosso país?

— Para tal há a necessidade absoluta de serem construídos aeródromos ou, pelo menos, campos de recurso junto das principais cidades, vilas e aldeias, de modo a tornar prática a utilização do avião como meio de trans-

porte. E um dever imperioso, que se impõe, se se deseja, como suponho, acompanhar o progresso e a evolução das «coisas»... De outro modo, a aviação não terá no nosso país aquêle incremento fantástico que se vai notar na maioria das nações estrangeiras, tão depressa a vida se normalize.

«Há necessidade de criar entre nós mais clubes de aviação, de norte a sul do país, e fazer bem orientada propaganda pró-aviação utilitária e de desporto — através da imprensa, da rádio, etc.

Naturalmente abordamos também o problema das linhas aéreas. Carlos Bleck, diz-nos:

— Pelo que respeita a carreiras aéreas nacionais, não há dúvida que temos perdido tempo preciosíssimo. Estou certo, porém, que com o interesse manifestado ultimamente pelo Governo no desenvolvimento da aviação civil, as linhas aéreas nacionais — quer internas quer ligando as nossas províncias do Ultramar e aquêles pontos do estrangeiro que o momento presente justifique — serão um facto! A remodelação do Conselho Nacional do Ar e a criação do Secretariado da Aeronáutica Civil, dirigidos por Homens que têm dado provas, e boas provas, ao serviço da Nação, fazem-nos encarar o futuro da aviação civil em Portugal com verdadeiro optimismo e confiar em que as carreiras aéreas portuguesas sejam, em breve, uma realidade.

E a fechar, Carlos Bleck acrescenta:

— Vamos assistir, dentro em pouco, a uma «revolução» extraordinária nos meios de transporte. O navio, em alguns casos, será substituído pelo avião. As ligações ferroviárias serão também extraordinariamente afectadas e até o próprio automóvel verá desaparecer muito da sua actual popularidade.

«O avião — quer comercial, utilitário ou de desporto — virá desempenhar papel importante e rasgará horizontes vastíssimos a todos os povos amantes do progresso e conscientes do «momento» que se avizinha!

Eis o que nos disse Carlos Bleck — com indiscutível autoridade.

ANTAS TEIXEIRA

STADIUM na capital do Norte

Honroso convite

A Associação de Futebol do Pôrto, na pessoa do seu presidente, sr. Alberto de Brito, foi há dias convidada oficialmente para assistir à inauguração do novo Estádio Municipal da cidade de Corunha, em Espanha. Motivos estranhos à vontade do ilustre dirigente não permitiram que este efectuasse a viagem à linda cidade galega, pelo que teve de declinar tão honroso convite, confiando a representação da entidade dirigente do futebol português, naquela cerimónia, ao nosso consual na Corunha, sr. dr. Henrique de Melo Barreto.

Este convite, pelo seu alto significado, desvaneceu os directores da Associação de Futebol do Pôrto, e em especial Alberto de Brito, que goza de largo prestígio junto da Federação Galega de Futebol, pelas suas excepcionais qualidades de apuro e sociabilidade.

Pelo «hockey» em campo

Continua no mesmo grau de acuidade o problema das arbitragens na modalidade do «hockey» em campo. Poucos são os bons árbitros, mas muitos são os que faltam ou não respeitam as convocações que lhe são dirigidas para os encontros do campeonato regional. Da certa dificuldade em preencher, no momento próprio, as ausências daqueles que não têm a noção perfeita dos seus deveres ou das suas responsabilidades.

Com árbitros de «ocasião», os jogos resentem-se e as arbitragens saem, portanto, defeituosas ou com ilegalidades. Trata-se de um problema que é preciso enfrentar desde já, para não se manter o estado triste em que a modalidade se debata na época finda.

A avalanche continua...

Depois de que escrevemos no último número sobre o aumento da população associativa do Académico, chega-nos a informação fidedigna de que o F. C. do Pôrto está, também, a ver crescer, de forma extraordinária, o número dos seus associados — do qual se diz que atinge a casa dos 6.000, o que é bastante promissor e de bom agúrio.

Também o Silveiros continua a ver aumentar os seus simpatizantes, pelo que o movimento associativo acusa bom crescimento de inscrições.

O problema das assistências

Os nossos campos de futebol continuam a registar enchentes verdadeiramente extraordinárias. Não só os «jogos principais», mas até alguns de secundária importância, chamam ao torrao de jogo massa enorme de

entusiastas pelo futebol, que desbaratam todos os cálculos e todas as previsões.

Já no ano passado esse facto se registou, embora em escala um tanto menor. E, a propósito disso, diziamos então o nosso bom amigo José Donas: «Será assim de ano para ano. As gerações de rapazes que há anos tinham 10 ou 12 de idade, vieram aumentar o número dos admiradores da bola. É nesse aumento que se deve encontrar a justificação para as assistências «record» que estamos a verificar este ano. Por que se joga menos futebol, como concretizar ou compreender o número de assistências, senão desta maneira?»

E isto ano então é o que se está vendo!

Os campos quasi não chegam. E quando os jogos se fazem em rectângulos pequenos, então o problema do acondicionamento dos espectadores já está época, por duas ou mais vezes, um campo desta cidade não chegou para conter todos quantos pretendiam ver o jogo. Vem aí o campeonato nacional. O que será essa avalanche, uma vez que todos os admiradores do futebol se juntarão num só campo?

Pelo tiro reduzido

O Orfeão do Pôrto, colectividade cultural que conta no seu activo largos triunfos obtidos pelo seu corpo coral, inclusivamente em Espanha, mantém uma secção de tiro reduzido que é muito concorrida e que tem organizado provas interessantes e inter-regionais.

Na passada quinta-feira efectuou-se a sexta solene da distribuição de prémios aos vencedores de diversos torneios, a qual serviu de pretexto para afirmações de vitalidade da secção, que desenvolva prometedora acuidade.

Foram empossados os dirigentes do Handball

A posse dos dirigentes do handball português decorreu em ambiente de franco optimismo, cheio de promessas para um futuro melhor da modalidade que vão orientar.

Pelo sr. Mário Carvalho, delegado do Pôrto da Direcção Geral de Desportos, foram proferidas palavras de saudação aos novos dirigentes, tendo sido para todos expressões de apreço. Disse ainda esperar manter a boa opinião que forma de cada um através do seu bom esforço em favor do «handball», fazendo votos por que a sua gerência seja isenta de dificuldades.

Vários dos empossados responderam às palavras de carinho do Delegado da Direcção Geral, afirmando a sua disposição de servir a causa desportiva e garantido para a modalidade o melhor do seu dedicado esforço.

ACACIO ROSA, seleccionador da equipa representativa de Lisboa que há-de defrontar, no primeiro dia do ano, o grupo de Madrid, começou sem perda de tempo os trabalhos de apuramento e aperfeiçoamento do «onze» lisboeta, ao qual vai ser incumbida a honrosa mas difícil missão de estreitar relações com os nossos vizinhos espanhóis.

A cuidadosa preparação da equipa, primeira das condições impostas, seguindo um critério geral, imposto pela Direcção Geral de Desportos para autorizar qualquer competição com adversários estrangeiros, decorre sob fiscalização do Inspector da modalidade e foi ordenada de molde a garantir a melhor condição física dos homens e o mais perfeito entendimento do agrupado, no momento oportuno do jogo.

Ninguém pode, na realidade, exigir de uma representação desportiva a garantia da vitória, nem fica mal perder desde que se empenhe na luta o máximo de leal entusiasmo e tenha sido previamente acautelado o interesse da representação. É normal ceder ante adversário mais forte e nenhuma censura podem ser dirigidas aos vencidos, quando se reconheça que empenharam toda a vontade para se apresentar em campo no melhor da forma individual e colectiva.

Reconheça-se que os dirigentes do «handball» regional estão procedendo escrupulosamente — e apenas se lhes presta justiça; necessário é, porém, que os jogadores dêem prova de idêntico escrupulo de consciência, para inteiro benefício nos resultados.

Escolheu Acácio Rosa uns tantos jogadores

Desportos de bola

HANDBALL — A selecção prepara-se.

VOLLEYBALL — As primeiras eliminatórias dos Torneios de Outono.

para de entre eles seleccionar o grupo definitivo e os seus elementos de reserva; todos se reunirão semanalmente duas vezes — às quartas-feiras de manhã para treinar em campo, às sextas-feiras à noite para trabalhar no ginásio, sob a direcção do professor Fernando Ferreira, que a Direcção Geral de Desportos pôs ao serviço da A. H. L.

A assiduidade dos seleccionados vai certamente pesar no critério do seleccionador para apuramento definitivo dos eleitos. A responsabilidade é demasiado grande para que se possa fiar de quem não compreenda os seus exactos deveres, mesmo que para tal haja que impôr sacrifícios.

Os possíveis de Lisboa treinarão no domingo contra o Internacional, que foi um excelente adversário, jogando inteligentemente, sem preocupações de resultado e com impecável correcção e lealdade.

A constituição do grupo (no qual não puderam alinhar jogadores de «Os Treze» e do Estoril) variou em cada parte, para que fossem passados em revista todos os presentes.

Almasquê foi o único guarda-redes que compareceu às convocações e parece em boa-forma; os defesas Natividade, Jaime Silva, Almeida e Arlindo foram pouco apertados para

darem noção verdadeira dos seus recursos. A linha média titular, Macara-Miranda-Correia Cesar, nada perdeu da sua eficiência, e na linha atacante Tomás, Pimenta, Armando Pereira e Seia, muito bem e com poder de remate notável.

O próximo jogo do grupo seleccionado deve celebrar-se no dia 1.º de Dezembro.

*
Principiaram no domingo, com grande animação, os jogos dos Torneios de Outono, entre as primeiras categorias dos clubes da Divisão de Honra e da Primeira Divisão, e entre as equipas de Juniores, para disputa das taças oferecidas respectivamente pela «Stadium» e pelos jornais «Diário de Lisboa» e «Diário Popular».

O adiamento da temporada, com plena actividade de outras modalidades, como o futebol, o «handball» e o «basket», prejudicaram algumas das colectividades concorrentes, que se apresentaram desfalcadas ou não conseguiram reunir equipas, por estarem muitos dos seus componentes ocupados em diferentes actividades.

É agradável registar a afluência de espectadores aos terrenos onde se realizaram os encontros, provando o interesse que o simpático jogo do «volley» está despertando e que é a consequência dos louváveis esforços de propagação dos dirigentes actuais da Associação de Lisboa.

Bons auspícios nos deixa esta época para a temporada próxima; a par do grande incremento adquirido em Lisboa, devemos anotar também os progressos verificados no Porto e em Coimbra, onde inúmeras colectividades participam nas competições oficiais, e mais ainda a criação, por iniciativa da Direcção Geral de Desportos, da Federação Nacional, cujos trabalhos organizadores estão em marcha e perto do fim. Tudo nos leva assim a crer que teremos em 1945 os primeiros encontros inter-regionais e o primeiro campeonato português entre equipas clubistas.

Os jogos das eliminatórias dos torneios de encerramento, para voltarmos ao nosso assunto, deram indicação de boa forma para algumas equipas e a surpresa de alguns desfechos inesperados.

Na prova da Divisão de Honra, das três a mais importante, encontramos o Técnico digno das suas tradições, infligindo ao Parede pesada derrota, por 15/2 e 15/3, e mostrando quanto vale contra um adversário aguerrido a acção desmoralizadora de uma defesa bem organizada. «Os técnicos» encontraram dificuldade em somar pontos, mas puderam esperar, porque nunca consentiram pontuação aos antagonistas.

O Benfica, defrontando uma equipa sportinguista incompleta e desfalcada, obtiveram também fácil e expressiva vitória, por 15/8 e 15/3.

Os outros dois semi-finalistas, Internacional e Belenenses, classificaram-se por desistência dos adversários designados.

Na Primeira Divisão é de estranhar a falta de comparência do Algés e Dafundo, recenvenecedora do «Torneio Popular», que cedeu os pontos ao Olímpico.

O outro apurado do mesmo torneio, Académica da Amadora, fez excelente partida contra o Hockey, que o venceu por 17/15 e 19/17, marca que exprime claramente quão renhida foi a luta.

Outros resultados: Ateneu-Monte Pedral, 15/2 e 15/8; Futebol Benfica-Marvilense, 15/4 e 15/6.

Finalmente, no torneio de Júniores registaram-se vitórias do Oeiras sobre a Amadora, por 15/10 e 15/3, e do Internacional sobre o Monte Pedral, por 15/1 e 15/4; o Belenenses classificou-se por ausência do Promotora e o Sporting estava isento do sorteio.

Os «brigadeiros» do pugilismo ou pontos ii

Crónica de RAFAEL BARRADAS

A discutida rectificação do resultado do combate entre Miguel França e António Silva, no Campo Pequeno, alvoraçou profundamente críticos e público, embora se houvesse feito em harmonia com as disposições dos regulamentos internacionais e obedecendo aos valores pontuais inscritos nos boletins.

Houve quem imprimisse isto: *coisa mais atentatória da solenidade com que deve ser encarada toda a luta desportiva nunca havíamos visto. Nem ninguém!* E um locutor de uma estação emissora importante lançou pelo éter a seguinte prevenção: *É fantástico mas autêntico! Assim, o boxe profissional desprestigia-se e não o podemos tomar a sério... Caso original e único no Mundo!*

Esses exagêros literário-desportivos fazem-nos recordar uma página deliciosa de Eça de Queiroz, na qual descreve a personalidade vigilante e patrioteira do *brigadeiro Chagas*.

Ora se na verdade foi lamentável o engano do árbitro e dos juizes coadjuvantes, devemos agradecer-lhes a oportunidade que inocentemente nos conferiram e por meio da qual se revelou — com crueldade impiedosa... — a ligeireza e a petulância de muitas pessoas que se arvoram em críticos de aquilo que não conhecem: nem na generalidade nem no pormenor.

Temos travado, desde longa data, pelo prestígio das coisas do boxe, um luta que nos tem custado trabalho e trazido dissabores e prejuízos. Talvez porque não usamos poupar ninguém que se disponha a prejudicar a verdade e a razão, preferimos informar o público leitor pondo de lado quaisquer preconceitos. Eis o motivo, pois, porque vimos ainda a terceiro, sem rodeios, mostrar quão injustas foram essas críticas apressadas e irreflectidas.

É certo que a asneira — mesmo grossa e mal comendatada — é livre, excepto se puder baralhar a razão e perturbar os espíritos de boa-fé, aptos a submeterem-se às primeiras informações.

Passemos aos factos: no dia 15 de Maio de

1942 realizou-se em Portugal um combate entre Alfredo de Oliveira e Simplicio. A certa altura do encontro, o árbitro, sr. José Santos, desclassificou um dos jogadores — e concedeu a vitória a Oliveira. Pois, caros leitores, o delegado da Federação, que presenciava e presidia (!) ao espectáculo, ordenou que o combate prosseguisse sob nova arbitragem e negou-se a aceitar a decisão do árbitro antecedente...

Não presenciámos estes acontecimentos pois encontrávamo-nos, na data referida, muitas milhas ao sul do Equador. Mas fazendo fé em documentos que possuímos, citamo-los para demonstrar ao leitor que a pseudo-crítica, chamando original e única no Mundo à rectificação efectuada no Campo Pequeno, foi desmemoriada e não se documentou.

E, note-se bem, não pode haver entre um e outro acontecimento (porque o de 1942 representa um atentado grave aos regulamentos universais) comparação que desfavoreça o mais recente e no qual interviemos...

Quando às rectificações de resultados, se não têm sido frequentes no estrangeiro — decerto por não terem acontecido muitos casos — podemos apresentar três dos mais notáveis:

1.º O combate entre G. Carpentier e Battliny Siki, realizado em França (1922); 2.º O desafio entre Mike Mac Tigne e Young Stribling, realizado na América (1923); 3.º O combate que Eduardo Lopez travou contra Peiró, em Espanha (1944).

Acêra do primeiro, já lhe fizemos referência num dos últimos números da *Stadium*. O segundo figura nos anuários como um empate, mas a decisão proclamada no quadrângulo foi a vitória de Stribling. Mas, no dia imediato, o árbitro corrigiu o seu veredicto, justificando-se com a atitude agressiva da assistência, em grande maioria partidária do seu conterrâneo. Sobre o terceiro, muito recente, seguiu-se à verificação do engano na adição dos pontos dos boletins.

(Continua na página 15)

JOSÉ DE EÇA

Actualidades

Aspectos da actividade desportiva no domingo

HANDBALL: — 1 Efectuou-se mais um treino da selecção de Lisboa, que defrontará brevemente a de Madrid. A gravura mostra o *team* dos possíveis, acompanhado do respectivo seleccionador, o criterioso dirigente Acácio Rosa. **ATLETISMO:** Os clubes continuam a preparar cuidadosamente a massa dos seus novos atletas para a futura época. 1— Os sócios e simpatizantes do Benfica que tomaram parte no torneio de domingo; 2— A chegada da prova de 80 metros, entre benfiquenses, ganha por António Machado; 3— Aspecto da prova de 2000 metros no torneio do Desportivo da Cuf; 4— Os «cufistas» que disputaram este torneio.



UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compre-m-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145 faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.ª tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontrar-se a maior perfeição e o mais barato.



A MARCA
QUE EU
VOU USAR
EM CHAPÉUS
E BONÉS

CHAVES de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na

CASA DAS CHAVES

Amadeu Gomes da Fonseca
RUA DA MOURARIA, 3
(Frente ao Cinema) • Telef. 28050



O curso de TREINADORES de ATLETISMO

aproximam-se do seu fim
com a garantia de
proveitosos resultados



Uma sessão de ginástica

O curso para treinadores de atletismo, instituído em fins de Agosto passado por iniciativa da Direcção Geral de Desportos, tem prosseguido normalmente os seus trabalhos e aproxima-se do fim previsto ao período de ensino.

Dirigido superiormente pelo dr. Salazar Carreira, nosso prezado colaborador, que tem tido no professor Fernando Ferreira um precioso auxiliar na direcção das lições práticas e de ginástica, o curso tem já de antemão assegurado o mais completo êxito, para o qual também contribuíram o interesse e a iudiciedade dos alunos inscritos que se mantiveram através de uma selecção naturalmente imposta pelas próprias dificuldades do programa e dos exercícios a que são obrigados.

Dos 25 rapazes que assinaram a sua presença na primeira lição, restam agora 18, cuja actividade «Stadium» foi acompanhar durante a semana finda, para ilustrar este breve relato de um empreendimento que à propaganda e progresso do atletismo deve prestar relevantes serviços.

Os candidatos a treinadores recebem semanalmente quatro horas de ensino teórico e quatro sessões de ensino prático, sendo duas de ginástica pré-desportiva e as outras de treino e aprendizagem em campo. A teoria divide-se pela análise da técnica e preparação das várias especialidades atléticas e pelas ciências directamente ligadas à prática dos exercícios desportivos, como a anatomia, fisiologia, higiene e biometria, e ainda ao ensino de conhecimentos gerais de maçaçagem desportiva e do tratamento de urgência das mais comuns lesões desportivas.

Estas últimas lições, numa das quais fomos encontrar o curso em acção, ministra-as o dr. Salazar Carreira no seu consultório da Avenida da Liberdade, pondo ao dispor dos seus alunos material e instalações. Os praticantes são, alternadamente, maçaçagistas e maçaçados e as indicações práticas do mestre, as indicações correctivas, o exemplo das suas mãos experientes, inerram a cada momento, respondendo às dúvidas ou ao interesse dos discípulos.

As aulas de ginástica, dirigidas pelo professor Fernando Ferreira, funcionaram nos primeiros meses no Ateneu Comercial, mas foram depois transferidas, quando a inauguração das classes do clube ocupou permanentemente o ginásio; por pronta anuência do sr. Comissário Nacional da «M. P.», que assim colabora valiosamente na iniciativa da Direcção Geral de Desportos, é utilizado agora o magnífico ginásio da «Casa da Mocidade», em duas noites por semana.

Finalmente, as sessões práticas decorrem no Estádio do Lumiar, que o Sporting pôs inteira e incondicionalmente ao dispor da organização.

As lições, tanto as de ginástica como as de técnica desportiva, tomam cunho prático e os alunos são os primeiros a reconhecer os efeitos dos intensos exercícios físicos a que são submetidos; curioso registar que quasi todos aumentaram de peso e mesmo aquêles que são praticantes do atletismo, ou cultivam em competição outras modalidades, registam em si, com evidente satisfação, maior desembaraço e um bem estar que lhes facilita os esforços da sua actividade desportiva.

As provas finais do curso devem celebrar-se, presididas pelo sr. Director Geral de Desportos, na última quinzena de Dezembro — e então poder-se-á verificar a utilidade da organização deste curso, que vai fornecer ao atletismo português dúzia e mais de treinadores competentes e dedicados.



Exercícios preparatórios de saltos



O trabalho para o salto à vara



Outro aspecto da actividade no ginásio sob a direcção de Fernando Ferreira



Aprendendo a técnica da maçaçagem com o dr. Salazar Carreira

Futebol de Norte a Sul

Notas sobre os campeonatos regionais do Pôrto, Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Leiria, Santarém, Setúbal e Viseu

PORTO — O encontro de domingo, entre o Boavista e o Salgueiros, se não fosse o incidente da segunda parte — anulação do 2.º jogo do Boavista, — teria sido dos jogos de mais emoção e expectativa, porque não se poderia definir a posição dos clubes, quanto ao segundo posto da classificação geral.

Jogada a 1.ª parte à base do maior entusiasmo e energia, valeu pela tenacidade dos «xadrezados» e pelo esforço desenvolvido pelos na defesa do resultado que lhes foi favorável na 1.ª volta. Assim, o Boavista, francamente ao ataque, não conseguiu concretizar qualquer dos ensaios em que o mais difícil estava feito...

As situações chamadas de «goals» feito, por parte dos rapazes do Bessa, foram indústrias. Manda a verdade dizer que o Salgueiros as teve também, por sua vez, mas em menor quantidade.

Na 2.ª parte, o Boavista entrou mais animoso, e dois «goals» vieram corresponder às insistências do seu ataque. Mas, inexplicavelmente, quando tudo parecia indicar que os avanços prosseguiriam, a linha média do B. vi-la fraquejou, recuando sobre o seu meio campo. O Salgueiros passou então a crescer.

Depois surgiu o incidente que fica para a história do futebol portuense, numa jogada sobre a linha de cabeceira, a bola veio até às rédes de Peixoto; um pontapé providencial de Caiado fez anichar nas rédes salgueiristas. O árbitro, Vieira da Costa, assinalou o tento — e perante os protestos dos jogadores encarnados manteve empenhoso, apertando o meio do terreno e encaminhando-se para lá. Entretanto, João apoderou-se da bola e foi consultar o juiz de linha do lado Norte. Veiu daí dizer qualquer coisa ao árbitro, e entre o juiz de campo e o de linha estabeleceu-se curto diálogo, do qual resultou a anulação do tento alcançado pelo Boavista. Grande celestino...

Devemos anotar que o juiz estava perto da bola e que perante os protestos dos jogadores salgueiristas ratificou a sua determinação, mandando-a para o centro do terreno. Parecia, portanto, que estava senhor do seu referendado. Qual o motivo porque não o manteve, ignoramo-lo. Mas se o seu auxiliar verificou logo haver motivos para alterar a resolução, porque deixou que o árbitro insistisse na decisão de «goals», não a corrigido imediatamente, com o seu esclarecimento oportuno, esperando até que um jogador da parte prejudicada o viesse consultar? Que resposta quem soube.

O encontro entre o F. C. do Pôrto e o Leixões não deu margem a qualquer comentário digno de relevo. Foi o que se esperava...

Já a derrota do Académico em casa, em jogo com o Leça, merece, pelo menos, que se sublinhe o interesse que continua a suscitar a fuga ao último posto da classificação. Foi um jogo viril, em que os grupos se empregaram o mais que puderam.

Desta maneira, os jogos do próximo domingo deverão ser decisivos, quer se confirmarem do 2.º lugar o Salgueiros, quer na luta pelo melhor resultado entre os da cauda.

AVEIRO — O empate verificado entre as equipas do Sanjoanense e do Oliveirense (2-2), fez aproximar o Sporting de Espinho dos «teams» da vanguarda. Os espinhenses, entretanto, apenas conseguiram, no seu campo, 2-1 contra o A. D. Ovarense, enquanto que o Beira Mar, regressado finalmente à Divisão de Honra, perdeu também por 2-1 com o União de Lamas. Na tabela da classificação vê-se o Sanjoanense com 12 pontos, o Espinho e o Oliveirense com 11, União de Lamas com 10 e o Ovarense com 7. Tem 1 ponto e 1 jogo apenas o grupo do Beira Mar.

BEJA — O Lusó possui 12 pontos, classificação que pode considerar-se vantajosa, enquanto o União e o Desportivo seguem com 8, o S. Domingos com 7 e o Atlético de Moura com 5.

BRAGA — O Vitória de Guimarães comparecerá no campeonato nacional a representar o Minho. As dificuldades mais aparatas do resto já passaram, depois dos encontros com Braga, e o F. C. Famalicão foi ainda o seu adversário mais valoroso. A série A de apuramento final atribuiu-lhe já 11 pontos, contra 9 dos famalicenses, 8 dos encarnados da capital mianhota e 4 do Gil Vicente de Barcelos. Houve, portanto, uma alteração na tabela: a subida do Famalicão e a passagem para 2.º do S. C. Braga. Os resultados do resto já passaram, S. C. Braga-Gil Vicente, 4-1; Vitória-Famalicão, 1-1; Vianense-Visela, 3-1 e S. C. Fafe-F. C. Fafe, 4-2. De notável os bons resultados de vizelezes e famalicenses.

CASTELO BRANCO — O S. L. e o Castelo Branco está apurado com 12 pontos. Em 2.º lugar colorem-se os grupos do Cebolense e Os Albitenses, com 8, sendo a diferença encarnados o S. C. Castelo Branco, que totaliza 5 pontos.

COIMBRA — A despeito da resistência que se deenhava, no princípio da época, os estudantes estão apurados. No domingo derrotaram o Lusitano por 6-0 e conseguiram 26 pontos, contra 23 do União, agora vencedor da Nave, também por 6-0. Os figueirense são terceiros com 19 pontos, enquanto o Anadia e o Lusitano marcham em 4.º lugar. O Sport, que prometia distinguir-se e fugir ao último posto, perdendo por 4-0 na Anadia, baixou irremediavelmente.

FARO — Verificaram-se os seguintes resultados: Olanense-Loulitano, 9-0; Lusitano-Glória, 3-0; Portimonense-Faroense, 4-2. Isto quer dizer: o S. C. Olanense possui agora 26 pontos e o título assegurado, enquanto o Portimonense conseguiu desta vez melhor que o Faroense, visto que conseguiu 23 pontos contra 18. O Lusitano de Vila Real, mesmo, obteve 21 pontos — classificação superior ao «team» da capital algarvia. Nos últimos lugares: Glória com 11 e Loulitano com 9.

LEIRIA — Resultados: Alcobaca-Marrazes, 5-1; S. L. Marinha-Comércio e I. de Alcobaca, 3-0; Nazarenos-Atlético Marinense, 2-3. A prova é comandada pelo Atlético Marinense, que tem agora 30 pontos. O Alcobaca e o S. L. e Marinha são «segundos» com 18, seguidos

pelo Comércio e Indústria com 17. Em último lugar, sem qualquer possibilidade, visto que só conseguiu 9 pontos — o Nazarenos.

SANTARÉM — Resultados: Águia Vilafranquense-Operário Vilafranquense, 3-2; Alhandra-Alverca, 4-1; Matreia-Tomar, 4-1; Rossio ao Sul do Tejo-Ferroviário, 0-0. De surpresa, o resultado do Vilafranquense. O União Operário possui agora só 13 pontos, deixando-se ultrapassar pelos estudantes alcabitanos, que mantêm boa rivalidade com «Os Lobos».

SETÚBAL — Teve um resultado sensacional a penditima jornada, pois o «leaders» não foi além de um empate com o Lusó (1-1), no Barreiro.

A posição dos clubes nada tem a ver com o que cada um é capaz de dar em jogo, quando a vontade se sobrepõe às falhas de conjunto e ainda porque a bola é redonda... Assim é que o Vitória e Lusó, respectivamente primeiro e último da classificação, lutaram num encontro em que o vanguardista da prova não teve durante os 90 minutos vantagem técnica ou territorial. O Lusó — valia a verdade — marcou os tentos necessários para o triunfo, mas não os validaram todos. Dois erros bastaram para que ficasse sem compensação o trabalho magnífico de boa inspiração, produzido pelos «elustianos». Os setubalenses foram uma sombra de si próprios, merecendo a derrota — pelo que fizeram e pelo comportamento dos antagonistas.

A Caf reeditou o resultado da primeira volta contra o Seixal (2-1). Jogo muito equilibrado e quasi desprovido de entusiasmo, em que os seixalenses demonstraram subida de forma, mas sem o remate indispensável para obtenção de «goals». Outro tanto se poderá dizer dos «scufistas», pelo que a marca obteve está certa.

No Montijo, o Onze Unico continua firme. Os amarelos sofreram uma derrota expressiva (0-5), sem motivo para queixumes. Os avançados montijenses são combativos e têm pontaria nos pés...

Por lhe pertencer defrontar o Arrentel, suspensão, o Barreirense não jogou no distrito, mas aproveitou o dia deslocando-se para Sintra, onde efectuou um encontro particular com o União Sintraense, (0-0).

UISEU — O Académico ganhou ao Bodelosenses por 4-2 e passou a ter 12 pontos — e o título. O seu adversário, entretanto, não está mal classificado, com 10, enquanto o S. L. e Viseu possui 8 e o Tondela 6. Como novidade, a interdição do campo dos tondelenses por 30 dias.

A II DIVISÃO DA A. F. L.

O campeonato da II Divisão da A. F. L. prosseguiu no domingo com a efectivação dos encontros correspondentes à 10.ª jornada. Faltam, portanto, quatro «jornadas» para conclusão da prova — e continua a impossibilidade de vaticinar um vencedor. O campeonato apresenta-se, incontestavelmente, como o de maior interesse

TENNIS

Os campeonatos do SPORTING decorreram com interesse

Os campeonatos inter-sócios do Sporting (ainda por concluir no momento em que escrevemos) animaram, e muito, as magníficas instalações do clube teneano nos dois últimos dias de semana.

Sem a iniciativa dos dirigentes do «tennis» sportingiano, promotores desta competição, poderíamos dizer que a actividade nos «court» lisboetas tinha sido nula desde os fins de Julho último.

Apontada esta circunstância, diga-nos agora o leitor se há ou não motivos para elogiar a efectivação dos campeonatos internos do Sporting...

Satisfeitos a vontade dos jogadores — porque eles são, ainda, os desportistas que praticam por prazer a modalidade preferida, — tornou-se mais curto o interregno que o inverno sempre ocasiona e, finalmente, deu-se aos «tennistas» sócios do clube dos «leões» o ensejo de progredirem, porque, digam lá o que disserem, são ainda as competições que fornecem o melhor treino.

Estes campeonatos tiveram ainda outra faceta simpática: demonstraram que a secção de tennis do Sporting continua a trabalhar com vontade e dedicação. E, felizmente para Queiroga Tavares e A. Romariz, todo o seu esforço está a ser compensado, pois o «tennis» sportinguiasta é o que está mais em evidência entre o dos clubes lisboetas.

A iniciativa do Sporting teve o seu primeiro êxito nas inscrições, mas não pelo que respecta às provas de singulares femininos e masculinos, mas êstes só em «frazes» e «sméigos». Não nos surpreendeu tal successo. É mais uma vez de demonstração de que se progride em quantidade — que não em qualidade...

A prova de «fortes»... foi a mais fraça. Por culpa de quem? É difícil dizer-lhe abundantemente, se bem que nos pareça preferível repartir essas culpas pelos organizadores e pelos concorrentes que se inscreveram. Pelo que respecta aos primeiros porque nos constou terem incluído no mapa da prova jogadores que não solicitaram a inscrição, consentindo depois substituições. E nós entendemos que o mapa de uma prova deve ser preparado, ainda mesmo que se trate, como no caso presente, de uma competição inter-sócios.

Pelo que toca aos jogadores, há que lamentar que não tenham correspondido à condescendência dos organizadores, faltando depois a disputar os encontros.

Stadium

de quantos foram disputados nos últimos anos. Quem se aventurará a dizer que a vitória pertencera a este ou àquela? Passou-se uma jornada e pensava-se que determinado encontro, a realizar, venha a decidir a questão. Mas eis o encontro vem, por vezes, complicar o problema... Por exemplo: supunha-se que o encontro do último domingo, entre o Chelas e Futebol Benfica, ditasse um provável campeão. Afinal, estão todos agora, certamente, a pensar no Chelas-Fosforos...

Hoje, campeãoato, em summa, —

Os resultados de domingo não provocaram muitas alterações na classificação. O Chelas era «leaders»... e «leaders» ficou; mas, em relação ao segundo, a sua vantagem deixou de ser de dois pontos — para ser de um.

A igualdade para o segundo posto desfiz-se: o Fosforos isolou-se nesse lugar e o F. Benfica passou a ser terceiro, agora de parceria com o Operário, que estava isolado em quarto.

Os quatro clubes da segunda metade da tabela da classificação mantiveram-se nos seus postos. De entre eles só um — o Sacavense — foi vencedor, mas essa vantagem não chegou para ultrapassar o que o antecedia.

A classificação ficou assim: 1.º Chelas, 26 pontos;

2.º Fosforos, 21 pontos; 3.º F. Benfica e Operário, 21 p.;

4.º S. L. Olivais, 20 p.;

5.º Sacavense 17 p.;

6.º Casa Pia A. C., 14 p.;

7.º Marvilense, 10 pontos.

* Os encontros da décima jornada forneceram os seguintes resultados:

S. L. Olivais-Fosforos.....	0-7
Casa Pia A. C.-Operário.....	2-6
F. Benfica-Chelas.....	3-3
Sacavense-Marvilense.....	5-3

A elevada marcação de «goals» que se registou em todos os campos constituiu uma das notas salientes da jornada e forneceu motivos de atracção para cada desfilio.

O Fosforos obteve, no campo do adversário, o resultado mais expressivo da «jornada». A sua vitória só pôde surpreender pela nitidez do «scores», sabido que os olivaisenses, em sua casa, são sempre adversários difíceis. Mas tem explicação: Silvério, guarda-rédes dos «encarnados», teve exibição pouco feliz e o grupo ficou reduzido a 10 unidades a meio do primeiro tempo. Seis «goals» na 1.ª parte e só um na segunda, pôde dar o impressão de que o Fosforos, após o intervalo, desancou sobre o resultado.

Em S. Vicente, se o Casa Pia A. C. jogasse no segundo tempo tal qual se exhibira no primeiro, talvez o resultado não fosse tão nitido para o Operário. Assim — está justificado, embora se fique a pensar no que o motivo se a baixa de forma do Casa Pia, se a melhoria do Operário...

O Futebol Benfica e o Chelas travaram a luta de maior interesse da jornada. O empate aceita-se sem relutância, mas para quem assistiu ao jogo deve ter surpreendido. Inexplicável que o Chelas, tendo chegado a 3-0, acabasse por perder tão boa vantagem. Interessante, em todos os títulos, a recuperação dos benfiquenses. Incessante e invulgar, pois não é de todos os dias fazer-se três «goals» tal como Quirino os alcançou — quasi que vindo buscar a bola ao centro do terreno para a enfiar na baliza do adversário!

Ainda desta vez o Marvilense não conseguiu evitar a derrota. E de mais... Pelos vistos, o ataque, atenta as possibilidades reveladas, cumpre-se. Mas a defesa não teve igual comportamento e o resultado foi funesto para a equipa.

ZÉ DO PEÃO

É certo que a final da prova não deve contrariar prognósticos. José da Silva contra Manuel da Silva é de admitir. Mas nas fases anteriores é que poderia ter havido melhores lutas.

Por hoje ocupar-nos-emos sómente das provas de «singulares».

Conecemos pela luta entre as senhoras. A vitória acabou por pertencer a Jacqueline Favresse — das mais novas jogadoras inscritas. Foi a única que contrariou os desejos de Nela Gurréa, que aparece como favorita desde que Maria Tereza Cunha e Maria Amélia Condeixa não evitaram o «W.O.»

Jacqueline Favresse confirmou progressos e qualidades capazes de a levar a jogadora de primeiro plano dentro de pouco tempo.

Nela Gurréa — finalista — acusou os efeitos de «crés» de um ano de ausencia de competições. E as irmãs Silva Araújo tiveram acção de modo a torar lamentável o seu alinhamento de outros torneios.

A prova de «sméigos» teve muito concorrentes e no mapa só se vê um «W.O.», por acaso marcado pelo vencedor da prova. A vitória coube a um... encarnado: Joaquim Nunes dos Santos — mas isso não constitui surpresa, conhecida a sua regularidade e boa forma nos últimos tempos. E note-se que foram por êle eliminados Scabra Pinto e Marcel de Lotton, em cujas possibilidades também se acreditava. Estes três jogadores e Gerardo Maia foram os semi-finalistas. Nas fases anteriores da prova podem merecer citação José Antonio Gonçalves, Fernando Eliot, M. Nunes dos Santos e Moniz da Maia.

A prova de «frazes» teve também 30 inscritos e só um «W.O.». Plano Martins, um jogador que principia a subir sua carreira, forneceu a revolução do torneio. Ganhou merecidamente, depois de ter eliminado João Moniz Maia, Queiroga Tavares, A. Romariz e A. A. Gonçalves. Repare-se na «claus de respeito» pelos dirigentes da secção...

Embora não se pudessem esperar grandes exhibições, o entusiasmo dos concorrentes chegou para animar a competição e torná-la agradável de seguir.

DRIVE

Categorias inferiores

O Benfica é já campeão em reservas e segundas

EMBORA falte ainda uma jornada para a conclusão do campeonato, e que por sinal incluí o «match», sempre sensacional, entre os velhos rivais de sempre, o Benfica é já o campeão de reservas da época 1944/45.

Domingo, no gramado das Salésias, frente ao Belenense, os «encarnados» obtiveram vitória e indiscutível vitória, que ao cabo dos noventa minutos se traduziu pelo expressivo «score» de 6-2. Não se pôde, pois, negar mérito aos campeões. Antes pelo contrário, conquistaram um título com inteira justiça — e com brilhantismo.

No Lumiar, o Sporting, vencendo sem dificuldades de maior o grupo do Estoril, por 4-1, mantém de pé as suas pretensões com vista ao terceiro posto da classificação geral.

O Atlético, de momento ocupando o segundo lugar da tabela, venceu nitidamente o elenco da Cuf, por 5-2, resultado que se ajusta às possibilidades de ambos os grupos.

A classificação, de acordo com os resultados acima indicados, ficou ordenada do modo seguinte: 1.º Benfica, 23 pontos; 2.º Atlético, 20 p.; 3.º Belenense e Sporting, 19 p.; 4.º Cuf, 15 p.; 5.º Estoril 10 p. A despeito de não ter ido além de um empate a uma bola com o Belenense, o Benfica é também campeão de segundas categorias.

Os «encarnados» fizeram um belo campeonato, impondo-se sempre com superioridade. Estão, pois, de parabéns os jovens jogadores do popular clube.

A Cuf, já com o segundo posto assegurado, triunfou com segurança da turma alcantarenses, 4-3. E o Sporting, vencendo o Estoril Praia pela diferença mínima (2-1), ficou em pé de igualdade com este, ocupando ambos o terceiro posto da classificação geral, que, concluída a jornada de domingo, ficou como segue:

1.º Benfica, 23 pontos; 2.º Cuf, 20 p.; 3.º Estoril e Sporting, 17 p.; 5.º Belenenses, 16 p.; 6.º Atlético, 12 p.

“Brigadeiros” do pugilismo

(Continuação da pág. 11)

Como vêm os nossos leitores, os terríveis *brigadeiros*, que tanto bramaram contra a acção justa, necessária e regular nem — a — menos — tiveram o cuidado de puxar — a — memória antes de classificarem de original e «fantástico» o que foi a penas re-edição do estrangeiro e muito mais inocente que outras inovações puramente nacionais... Mas o que são a Espanha, a França e os Estados- Unidos! Países onde os «fenómenos» da caneta não possuem a capacidade reveladora nacional...

Isto de *desacreditar injustificadamente o pugilismo profissional e de desorientar a opinião pública* não é processo razoável de ajudar o seu progresso — mas apenas um sistema de *bota-abaxio*, contra o qual prevenimos todo o amador e leitor de boa-fé.

STADIUM é os clubes

Sporting Clube de Portugal

A direcção do Sporting Clube de Portugal teve a gentileza de nos enviar um amavel offício, no qual transmite a sua gratidão pelas referências desenvolvidas que fizemos à viagem da sua equipa de honra a Madrid. Registamos e agradecemos as cordiais palavras que nos esdarece.

Carande Clube

Também a Comissão de Basketball do Carande Clube, em offício subscrito pelo seu presidente, o activo e dedicado dirigente sr. Manuel Gonçalves, nos escreve a agradecer em termos desvanecedores a atenção que temos prestado aos assuntos do seu clube. O simpático Carande terá sempre nas colunas da «Stadium» o acolhimento merecido pela sua esforçada obra no campo social e desportivo.

Officina de Calçado Desportivo do BEATO de DANIEL TEIXEIRA
Especializado em todos os artigos para desportos — Calçado e botins tipo alentejano e «Mocidade Portuguesa».

TELEFONE 38 298
CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5 LISBOA

“Curso de Ciclistas”

(Continuação da página 6)

de tecido impermeável. Disse ainda o nosso colega que os corredores devem preocupar-se mais com o frio que possa apouquetá-los — pois a perda de calorías a que estão sujeitos, por causa do esforço produzido, bastante concorre para tal. Condenou, por isso, as camisolas de seda ou finas em demasia.

Terminou Gil Moreira a sua dissertação sobre equipamento aconselhando o uso de luvas, para evitar ferimentos por motivo de quedas; indicando que o boné forrado de pano encarnado é indispensável nos dias de sol, para anular os efeitos prejudiciais dos raios infra vermelhos, a incidirem sobre a nuca, e até mesmo sem sol, como complemento elegante do traje; e que os olhos perservam os olhos da poeira e evitam também o cansaço dos órgãos visuais, cansaço que provoca um estado de torpor e que é ocasionado pelo choque violento das correntes de ar com os olhos.

Perante quatro desenhos, que representam as varias fases dos movimentos de pedalagem, o orientador do «curso» passou depois a ensinar como se deve pedalar. Condenou o principio generalizado de que para se pedalar basta carregar nos pedais de cima para baixo... Então, o nosso colega explicou que para dar à bicicleta o movimento constante e suave de deslocação é necessário *pedalar em redondo*, isto é executar com os pés sucessivos circulos.

Segundo Gil Moreira, os pés do ciclista devem percorrer, comandados pelos musculos e nunca levados pelos pedais, as linhas de hipotéticos circulos traçados em volta da roda pedaleira.

Só assim — empurrando o pedal com a ponta do pé, quando elle está totalmente levantado — se pode vencer o ponto morto dos crenques na sua posição vertical; só carregando, depois, num movimento de semi-circulo, o pedal que desce, será possível levá-lo suavemente até ao seu plano mais baixo — e só elevando, com um movimento brusco, o joelho da perna que sobe, se poderá anular o peso dessa perna sobre o pedal, facilitando a missão da outra perna, que desce.

Nada melhor para se aprender a pedalar em redondo como usar «roda presa», pequenas desmultiplicações 46 x 21, ou 46 x 22, durante o periodo em que não haja competições — concluiu Gil Moreira.

E com este conselho terminou o nosso colega a sua proveitosa lição, marcando a que se segue para sexta-feira, e para domingo, como dizemos acima, a primeira saída — ou seja a primeira lição prática.

ANTÓNIO CALADO nos Estados Unidos

POR noticias recém chegadas, tivemos informações sobre a actividade desportiva do conhecido corredor António Calado, que está vivendo em New York.

Em Setembro passado, treinou algumas vezes no New York Athletic Club e experimentou forças numa prova de 500 metros, na qual venceu o campeão americano dos 5.000, Reffery, e o campeão de 400 metros da Universidade de Fordham, Wollieley Wallace, no tempo muito apreciável de 1 m. e 8,5 s.

No proximo número de «Stadium» referiremos mais largamente as noticias recebidas do antigo recordman nacional dos 800 metros.

DA VIDA QUE PASSA

Tenente Alcino Joaquim Fernandes

Faleceu há pouco este heróico combatente da guerra de 1914, possuidor, entre outros, da medalha militar de Bons Serviços e da Cruz de Guerra de 1.ª classe, pela sua acção em França, como componente da Brigada do Minho. Era pai do sr. Levy T. G. Rodrigues Fernandes, «boxeur» conhecido com o pseudónimo de «Kid Levy».

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco assido. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um marfrito!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — o Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbeir-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítarios gerais: Ventura d'Almeida & Pena, rua de Guarda-Mór, 20, 3.º, esq. (a Santos), Lisboa.

Enviámos amostras contra 3000 em selos de correio, nome e morada.

ATLETISMO — O campeão britânico da milha, Wooderson, detentor do «record» mundial, tornou pública a sua resolução de só se manter em actividade mais uma época. Tenará voltar às provas de cross-country, mas tudo depende dos padecimentos reumáticos que ultimamente o têm atormentado.

«BOXE» — O campeão mundial de «boxes», Juan Zurita, venceu por K.O., ao 2.º assalto, o norte-americano Ricardo Pelle Lello. A luta foi combinada em 10 assaltos e teve uma assistência de 30.000 pessoas.

— Em Washington, Jackie Wilson, ex-campeão mundial de «levissimos», foi derrotado, aos pontos, por Pedro Hernandez, de Porto Rico, que começa a evidenciar-se.

CICLISMO — Na vizinha Espanha disputou-se com muito interesse a «Volta Ciclista a Valença». Ao cabo de três jornadas, a classificação geral estava assim ordenada: 1.º Delio Rodrigues, com 12 h. 10 m. 2 s.; 2.º Martin; 3.º Miro, com 11. 4.º Orbaiceta, 12 h. 18 m. 2 s.; 5.º Olmos e 6.º Carretero; 7.º Labor; 8.º Chafar; 9.º Gimeno; 10.º Barrendero, com o m. t.

— Bover acaba de ganhar o campeonato balear ciclista atrás dos motos, percorrendo 75 quilómetros em 1 h. 18 m. 32 s. 1/5. Note-se que correu sem adversários, pois Ribas e Timoner abandonaram a corrida por avarias.

FUTEBOL — O conhecido clube Rangers, de Glasgow, está a distribuir um dividendo de 10 % aos accionistas desta empresa desportiva. O Rangers alcançou um lucro que constituiu «record» em tempo de guerra: 3.000 libras esterlinas.

— Benavente, discutido jogador do Real Madrid, foi cedido por este clube ao Clube Desportivo de Maiorca.

TENNIS — Francisco Segura ganhou pela terceira vez consecutiva o torneio do Panamá, que se celebra todos os anos no Mexico, batendo, na final, o norte americano William Talbert, em cinco «sets».

Futebol no BELENENSES

A direcção de «Os Belenenses» pede-nos que informemos e elucidearem-se os treinos de futebol, para os sócios e simpatizantes dos 16 aos 19 anos que desejem representar o clube, todos os sabados, a partir das 15 horas.

ATLETISMO

(Continuação da página 1)

Póvoas possui excelente fisico para corredor de velocidade prolongada, mas não deu ainda provas além dos 300 metros (melhor tempo, 36,8 s.); é outro homem sobre cuja actividade atlética se admitem reservas, pela sua regular prática do futebol.

Costa Pereira e Humberto Bastos mantiveram trabalho irregular e não deram, portanto, medida justa do que valem; ambos são tipicamente corredores de 800 metros, com tendência para a distancia superior.

Dos «caloiros» de 1944 que melhor classificação obtiveram, merecem distincção: Manuel Colaço, Artur Dias e Eloi Pereira, na distancia mais curta; e Castelo Branco, na prova mais longa.

Colaço venceu todas as provas officias de 300 metros (melhor tempo, 37,3 s.) e não se ensaiou sequer na categoria superior; Eloi e Artur Dias subiram para os seniores, onde alcançaram, nos quatrocentos, marcas prometedoras. São novos ainda e por isso é preciso empurrá-los devagar, para que não caiam em prejudiciais exageros.

Castelo Branco, que não pôde, por causa de uma intoxicação profissional, concluir a sua época, tem a avaliza-lo um tempo de 1 m. 51 s. nos 700 metros, 2 m. 7 s. nos 800 m. e 2 m. 48 s. no quilómetro.

Se cuidar da sua preparação fisica durante o periodo de descanço da pista, adquirindo poder e peso, marcará para o ano boa presença nas competições de 800 — 1000 metros.

Ano II—Lisboa, 15 de Novembro de 1944—II Série—N.º 102

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
TELEFONE 5 1146—LISBOA
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA.—LISBOA
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



FUTEBOL — No discutido jogo Salgueiros-Boavista: 1 — Peixoto, guarda-rédes do Salgueiros, alivia a sóco antes que Armando possa rematar de cabeça; 2 — Na grande área do Boavista luta-se com verdadeiro ardor...

HOCKEY EM CAMPO — O encontro F. C. Porto-Boavista: 3 — A defesa do F. C. Porto alivia sob a ameaça de Soares.

TIRO REDUZIDO: 4 — Os atrizes que receberam prémios nas últimas provas organizadas pelo activo Orfeão do Porto.

GOLF EM ESPINHO: 5 — Os concorrentes ao Campeonato Internacional de Espinho, fotografados após a distribuição dos valiosos prémios.



Breitling

INSENSÍVEL AS VARIACÕES ATMOSFÉRICAS

APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA

ANTI-MAGNÉTICO

PREFERIDO PELOS DESPORTISTAS

O melhor cronógrafo

JOGOS PARTICULARES DE FUTEBOL

O pessoal das oficinas da NEOGRAVURA, LDA. — o que trava e imprime a nossa revista — disputou no sábado um encontro de futebol com os seus camaradas da FOTO-GRÁVURA SERRANO. Os neogravadores — como que a querzém demarcar a excelência do processo gráfico que executam... — obtiveram não menos excelente vitória, por 7-0. A gravura ao lado mostra o team vencedor.

